

“como o pico de um monte”, que tinha dez cabeças e vinte braços e sua força era tão grande, que podia agitar os mares e arrancar os cumes das montanhas. Podia também mudar de forma à vontade. Era rei dos demônios chamados *rakchasas* e, por sua grande perversidade, pode ser considerado como encarnação do mal. (Ver *Râmâyana*.)

Ravi (*Sânc.*) – Um dos nomes do Sol. [Ver *Surya*.]

Raya (*Sânc.*) – Movimento rápido; presteza, rapidez. Corrente, torrente, curso.

Rayi (*Sânc.*) – Riqueza, tesouro; poder. A fase negativa da matéria, que se distingue da positiva por sua impressionabilidade. Na realidade, é a matéria vital mais fria, assim como a mais quente é chamada de *Prâna*. (*Râma Prasâd, As Forças Sutis da Natureza*)

Rayimat (*Sânc.*) – Que aumenta a riqueza ou o poder.

Razão – Esta notabilíssima faculdade humana foi representada pela figura de uma mulher armada e com a cabeça adornada por um diadema, que subjuga e mantém preso um leão, símbolo das paixões que deve dominar. Por trás da figura cresce uma oliveira, que indica que a paz da alma é o fruto de tal vitória. A razão pura, sinônimo de *Buddhi*, é a faculdade mais elevada do homem, aquela que mais o distingue do bruto e de todos os seres irracionais. Segundo a definição geralmente admitida pelos filósofos e naturalistas, o homem é um “animal racional”. Suprima nele a razão e necessariamente só restará o animal. É próprio, pois, de homens deixar perder em nós o império da razão e afogá-la pelo transbordamento das paixões e dos instintos animais? Tem o homem o direito de destruir ou atrofiar tão notável faculdade e privar-se de seu uso através do emprego de substâncias embriagantes e soporíferas, como o álcool, a morfina, o ópio e outras, que o embrutecem mais e mais? É justo, por outro lado, combater e refrear a “funesta mania de pensar”? Pode alguém, seja quem for, travar o exercício da razão e obrigar o homem a crer cegamente em dogmas e doutrinas que estão em desacordo com tão elevada faculdade? Por seu lado, deve o homem olhar com menosprezo esse dom divino, esse dom do céu, e renunciar, por um momento que seja, a seu uso para submeter-se covardemente à fé cega, a essa “fé do carvoeiro”, a essa “enfermidade mental”, como a qualifica H. P. Blavatsky, na *Chave da Teosofia*? Com a mão sobre o coração, responda sinceramente a estas perguntas qualquer pessoa de critério são e livre de preocupações e fanatismos, qualquer pessoa que se preze como ser “racional” e possa com justiça julgar-se superior ao bruto. A Teosofia, que aspira enobrecer o homem, desenvolvendo e enaltecendo suas faculdades superiores, jamais explora a credulidade humana; a ninguém impõe violentamente suas doutrinas nem obriga a aceitar de olhos fechados os seus ensinamentos, sobretudo se estes não concordam com os ditames da razão e da consciência de cada um. A mesma coisa faz o budismo, quando estabelece que ninguém precisa acreditar no que foi dito por qualquer sábio, nem no que está escrito em qualquer livro, nem no que é afirmado por tradição, a não ser que esteja de acordo com a própria razão. (Ver *Olcott, Catecismo Búdico*, 42ª edição, questão 196.)

Râzi – Ver *Rashi*.

Râzi-chakra – Ver *Rashi-Chakra*.

Reabsorção – Ver *Pralaya*.

Realidade Única – Ver *Âtman, Parabrahman*.

Rebis (*Herm.*) – Matéria dos Sábios durante a primeira operação da Obra. O espírito mineral cru, segundo Trevisan, mistura-se com seu corpo na primeira decocção, dissolvendo-o. É por isso que se chama *Rebis*, uma vez que é feita de duas coisas, isto é,

do macho e da fêmea, ou do solvente e do corpo solúvel, o que no fundo é apenas uma coisa e uma mesma matéria. Os filósofos dão também o nome de *Rebis* à matéria da obra ao branco, uma vez que é então um mercúrio animado por seu enxofre e que estas duas coisas, saídas de uma mesma raiz, compõem apenas um todo homogêneo.

Rebis – Ver: *Abesi*.

Rechaka (*Sânc.*) – Uma das práticas do *Hatha-Yoga* durante o exercício do *Prânâyâma* ou regulação do alento. Consiste em manter aberta uma das narinas e por ela exalar o alento, enquanto a outra é mantida fechada; uma das três operações denominadas respectivamente *Pûraka*, *Kumbhaka* e *Rechaka*, muito perniciosas à saúde. [Uma das práticas do *Prânâyâma*, que consiste em expelir o ar dos pulmões, fazendo uma expiração prolongada. (*Râma Prasâd*) Ver *Prânâyâma*.]

Reconciliação (*Herm.*) – Os filósofos herméticos recomendam a reconciliação dos inimigos e que seja feita a paz entre eles, de modo que se unam inseparavelmente, isto é, a reunião do volátil com o fixo, de modo que o volátil se torne fixo.

Recordação – Ver: *Memória*.

Redução (*Alq.*) – Retrogradação de algo que atingiu um certo grau de perfeição a um grau mais baixo, como se do pão se fizesse o grão de trigo. Assim a *redução dos metais em sua primeira matéria*, tão recomendada pelos filósofos, é a retrogradação dos metais filosóficos, e não vulgares, em sua própria semente, isto é, um mercúrio hermético. Esta redução é feita através da dissolução do fixo pelo volátil de sua própria natureza e do qual é feito.

Reencarnação – É a doutrina do renascimento, na qual acreditavam Jesus e seus apóstolos, como toda gente daqueles tempos, porém negada hoje pelos cristãos que parecem não compreender a doutrina de seus próprios Evangelhos, visto que a Reencarnação é ensinada claramente na *Bíblia*, como o é em todas as demais escrituras antigas. Todos os egípcios convertidos ao cristianismo, os padres da Igreja e outros acreditavam em tal doutrina, como provam os escritos de vários deles. Nos símbolos ainda existentes, a ave com cabeça humana, que voa para uma múmia, um corpo ou “a alma que se une com seu sahou (o corpo glorificado do *Ego* e também o invólucro *Kâmalokico*)” é uma prova desta crença. “O Canto de Ressurreição” entoado por Ísis para fazer a vida voltar a seu esposo defunto poderia ser traduzido como “Canto de Renascimento”, visto que Osfrís é a Humanidade coletiva, “Oh, Osfrís (aqui segue o nome da múmia osirificada, ou seja, o defunto), levanta-te de novo na santa terra (matéria), augusta múmia que jaz no féretro sob tuas substâncias corpóreas” – eis a oração funerária que era pronunciada pelo sacerdote diante do defunto. A palavra “ressurreição”, entre os egípcios, nunca significou a ressurreição da mutilada múmia, mas da *Alma* que a animava, o *Ego* num novo corpo. O fato de revestir-se periodicamente de carne a *Alma* ou o *Ego* era uma crença universal; nada pode estar mais concorde com a justiça e a lei kármica. A Reencarnação é também chamada de *palingenesia*, *metempsicose*, transmigração das almas etc., e, como indicam estes nomes, esta doutrina ensina que a *Alma*, o princípio vivo, o *Ego* ou parte imortal do homem, depois da morte do corpo em que residia, passa sucessivamente para outros corpos, de modo que para um mesmo indivíduo há uma pluralidade de existências ou, melhor dizendo, uma existência única de duração ilimitada, com períodos alternados de vida objetiva e vida subjetiva, de atividade e repouso, comumente chamados de “vida” e “morte”, comparáveis de certo modo aos períodos de vigília e de sono da vida terrestre; cada uma dessas existências na Terra é, por assim dizer, um dia da Grande Vida individual. Através do processo da Reencarnação, a entidade *individual* e imortal, a Tríada superior, transmigra de um corpo para outro, reveste-se de sucessivas e novas formas ou